



ESTADO, PODER E TOPONÍMIA: ANÁLISE TOPONÍMICA DE 55 NOMES DOS CENTROS EDUCA MAIS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DO MARANHÃO ATRAVÉS DE UM OLHAR GEOGRÁFICO

Erielson Miranda Pereira¹

Jeane Medeiros Silva²

Introdução

Ao se estudar o nome dos lugares, pode-se também aprender sobre a realidade do grupo que o habita: aspectos sociais, políticos, culturais e geográficos. É uma oportunidade de utilizar-se do nome de batismo dos Centros Educa Mais do Estado do Maranhão através de um contexto geográfico, especialmente em relação ao estudo das relações de poder, objetivando proporcionar encontros produtivos entre, teorias, práticas e, sobretudo, entre pessoas.

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação a respeito da nomenclatura dos Centros Educa Mais, 55 escolas da rede pública estadual, existentes desde 2016, que adotam um modelo de ensino em tempo integral, localizadas em 33 municípios do Estado. Para tanto, empreendeu-se um estudo sobre os topônimos³, ou seja, nomes próprios de lugares, sua origem e evolução. Neste sentido, realizou-se uma investigação a respeito dos nomes que correspondem a estes modelos de escolas públicas desenvolvidos pela rede estadual de educação. O estudo busca afirmar que é possível a partir de uma análise dos topônimos compreender o conceito de Estado, território, lugar e identidade regional em um âmbito geográfico. O que os nomes destas instituições reproduzem conforme a classificação destes topônimos.

Em virtude da falta de trabalhos acerca da discussão e análise dos nomes em um contexto histórico-geográfico torna-se relevante identificar o perfil toponímico do objeto de estudo com o objetivo de propor uma leitura significativa dos espaços públicos escolares.

No Brasil, tendo em vista a ação de nomear alguns lugares com denominações próprias, houve a necessidade de elevar também a importância do estudo e do

¹ Possui graduação em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Maranhão (2009), Mestre em Geografia pelo Programa de Mestrado Profissional em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – GEOPROF UFRN (2021). É professor efetivo da rede pública estadual do Maranhão e do município de Paço do Lumiar – MA. erielson.pereira1@prof.edu.ma.gov.br

² Possui graduação em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (2003), Mestrado e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2006 e 2012). É professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia e integra o Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado Profissional (GEOPROF), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. jeane.medeiros@ufu.br

³ termo de origem grega. Decompondo-se em topos (lugar) + onyma (nome, designação)

(re)conhecimento da história nacional por meio do inventário desses nomes através de uma nova ciência, denominada Toponímia⁴.

[...] A Toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar as costas e as baías das regiões litorâneas sempre foi a primeira tarefa dos descobridores. Um verdadeiro tapete de nomes recobre a terra que se torna assim objeto de estudo. O batismo do espaço e de todos os pontos importantes não é feito somente para ajudar uns aos outros a se referenciar. Trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço. (CLAVAL, 2007, p.189).

Toponímia caracteriza-se pela interdisciplinaridade. É considerada uma parte da linguística, com fortes ligações com a Letras, História e Geografia. Na Geografia seus estudos servem para análise e compreensão do conceito de lugar, território e identidade.

Considerando assim, a cidade como produto do processo de construção e expressão humana, a ciência geográfica encontra no estudo toponímico um vasto campo de análise, seja em um recorte temporal atual ou no passado. Para este estudo Abreu (1998, p. 93-94) discorre sobre o assunto, afirmando que

[...] nada impede da Geografia estudar o passado. Não há razão também para que ela se limite à recuperação das formas morfológicas que restaram dele. As análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual de globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas.

Portanto, o entendimento da Geografia como uma modalidade de análise histórica dos processos formadores da cidade e do território urbano dela constituído é, para Morais (2000), a visão da geografia humana como uma história territorial. Desse modo, o processo nomear lugares é uma forma de refletir acerca das transformações e mutações do território e suas territorialidades na formação das sociedades urbanas.

O território está imerso em relações de dominação e apropriação do espaço geográfico que vai da dominação político-econômica a cultural-simbólica. Cabe aqui, distinguir território e territorialidade para reconhecermos o sentido simbólico para a construção da identidade.

O território envolve sempre relações de poder, econômico-políticos e simbólico-culturais, tem identificação e simbologia de alguém ou um grupo de indivíduos através de referências simbólicas, a exemplo a denominação dos espaços públicos de uma cidade. Assim o território muitas vezes é associado a lógica política, um governo sobre município, ou uma base física, uma fração de espaço geográfico delimitado e apropriado através de critérios políticos, econômicos e culturais. Segundo Haesbaert (1999, p. 185-186),

O território envolve não somente um “ter” mediador de relações de poder (político-econômico) sobre parcelas do espaço, ele compõe também o “ser”. Ao mesmo tempo prisão e liberdade, lugar e rede, fronteira e coração, o território de identidade pode ser uma prisão que

⁴ Toponímia estuda o nome dos lugares e designativos geográficos: física, humano, antrópico ou cultural. Para Dick (1990, p. 36) Essa é a ciência que se dedica ao estudo dos nomes de forma genérica, levado em conta o caráter motivacional na formação deles.

esconde e que oprime ou uma rede que se abre e se conecta a um coração que emana poesia e novos significados.

No processo de construção e apropriação do território criam-se um conjunto de ações colocando-o como uma área procriada e ocupada por determinado grupo social. Essas ações seriam resultado de um lado da aceitação de uns grupos sociais decorrente da existência da diferenciação espacial e de outro lado projetos de reprodução social.

Tomaremos como referência a análise sobre o território de Haesbaert em sua obra “O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade”, de 2004, a respeito das dinâmicas territoriais. A concepção é de uma dimensão espacial que se revela em processos de dominação mais concretos, tanto pela produção material quanto em termos imateriais na produção de identidade e simbolismo com o lugar.

[...] o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica” (HAESBAERT, 2004, p. 95-96).

O território, portanto, é a síntese de um instrumento de dominação política e um espaço de identidade cultural e territorialidades. A territorialidade se apresenta com o sentido de pertencimento, uso e vivência em um recorte do espaço. Trata-se de uma dimensão mais estrita, como as pessoas se organizam e dão significado ao lugar. Nesse sentido, a toponímia está estritamente relacionada com as relações de poder.

Posto isso, o ponto de partida foi analisar e catalogar o nome das escolas que compõem os Centros Educa Mais considerando as contribuições de Dick (1990), autora de referência no que diz respeito aos estudos toponímicos brasileiros e publicações a respeito do estado do Maranhão, do ponto de vista qualitativo e quantitativo, analisando os mecanismos de nomeação atentando para as relações entre o número de topônimos, sua classificação e as razões que influenciaram nas denominações desses lugares.

A existência desses dados auxilia na criação da identidade local com a instituição. Desse modo, são de grande relevância os resultados da pesquisa, uma vez que, ao identificar-se os signos motivadores, suas origens e sua evolução toponímica, resgata-se os valores inseridos na base histórico-social da região estudada.

A identidade é analisada em diversas áreas de conhecimento, a citar: Psicologia, História, Sociologia, Geografia etc. Relacionada tanto à individualidade quanto à coletividade existe um consenso de que a identidade é uma construção social. A identidade regional é construída ao longo da história, são elaboradas e reforçadas através de um território, ou seja, um espaço delimitado e dominado (simbolicamente pela toponímia) e está ligada ao lugar onde se vive.

“A identidade regional já é fixa, natural e imutável” (SOUSA, 2016, p. 97). Quando nos referimos a identidade regional não se remete só a questões geográficas de dimensão espacial, administrativa, fiscais etc. A interpretação de identidade regional vai além desta divisão geográfica e econômica. As relações que se estabelecem neste território são resultado de uma homogeneização de relações sociais, hábitos e cultura presentes no cotidiano. Acontece dessa forma um mesmo discurso identitário que revelam a identidade regional.

Referente ao processo de identificação regional, para Castro (1992, p. 33) a percepção é,



[...] A região é então uma fração estruturada do território. Por constituir uma estrutura, a região possui uma identidade que permite diferenciá-la do seu entorno. Essa personalidade regional possibilita sua delimitação a partir da compreensão de especificidades que ela contém. A região é, portanto, concreta, observável e delimitável. Como qualquer segmento do espaço, a região é dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial.

Esse é o caso dos 33 municípios que possuem os Centros Educa Mais, e de tantos outros que compõem o estado, cuja característica principal é a forte particularidade através das características físicas, econômicas e culturais e históricas e de como foram moldadas as biografias dos seus moradores. São personagens que ao longo da evolução do lugar acabam por deixar registros travados nos nomes dos comércios, ruas, praças, instituições e monumentos públicos.

O lugar desempenha um importante papel na compreensão de fenômenos sociais e do espaço geográfico “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p.83). Portanto, promover o encontro do conhecimento científico com o cotidiano dos alunos e demais membros da comunidade escolar que integram estes espaços através da compreensão dos topônimos é uma boa metodologia para captar conceitos geográficos e pode constituir como um elemento chave na introdução de trabalhos de campo e em um diálogo recíproco na sala de aula.

Os nomes das escolas públicas no Maranhão estão em íntima relação com o cotidiano dos alunos, ex-alunos, moradores que vivem (ou viveram) no lugar ou em seu entorno. Os topônimos nascem a partir da fala dos sujeitos e a incorporação dos mesmos no cotidiano do grupo advém, quase sempre, de referências presentes na paisagem do lugar. Embora o topônimo esteja relacionado a uma forma de comunicação, a sua função não é de significar, mas de identificar os lugares. “Serve de menção ao domínio cartográfico do homem”. As referências na paisagem podem ser representadas por alguém muito popular no local, por um empreendimento comercial ou igreja consagrado a algum santo, por um acidente geográfico ou, ainda, por elementos da natureza característicos da localidade.

O presente trabalho é uma tentativa de discutir o resultado do mapeamento das escolas em tempo integral que constituem os Centros Educa Mais afim de contribuir para a construção do conhecimento geográfico, histórico e até mesmo turístico do município ou região. Muitos nomes de escolas, ruas, bairros ou até mesmo o nome do município, explicam como estes surgiram e quais foram as personagens importantes da região, além de revelar a influência política e econômica de famílias, pessoas que personificam a cidade e seus moradores. Por meio dos nomes dos logradouros pode-se recordar fatos históricos e culturais que marcaram a vida de toda uma população além de permitir a conservação do patrimônio toponomástico.

Trabalhos como esse poderão gerar frutos semelhantes ao permitir a implantação da toponímia como estratégia para o estudo de lugar, identidade e território no ensino da Geografia. Além disso, esta reserva o conhecimento e o debate da história e da cultura que existe atrás dos nomes de diversas regiões e lugares.

A possibilidade de retirar inferências geográficas e sociais a partir da distribuição dos topônimos deve ancorar-se numa certeza histórica e contextualizar-se nos restantes fenômenos que dão corpo e originalidade a uma região. A pura fixação do texto, pelo menos no ponto de vista da expressão, permite o mapeamento do espaço a estudar, determinando



as relações inteligíveis como o enquadramento sociocultural do bairro estabelecendo relações de sentido e significados entre termos e conceitos.

Constituem problemas graves a variação ou indefinição das localidades, designações transitórias, inexistência de placas etc. Quer para a entrega de correspondências, quer para a localização de moradas para quaisquer outros fins, é condição indispensável ter designações toponímicas de referência estruturada, simples de entender, uniforme e estável no tempo.

A partir dos dados, as mudanças e tendências no que dizem respeito à nomenclatura destas escolas públicas passam a ser um material de apoio que visa orientar e monitorar o desenvolvimento urbano.

Estudos toponímicos

Estudar a toponímia implica na identificação de características físico-naturais, aspectos socioculturais e econômicos, fatos históricos, fatores que façam refletir sobre a memória. Portanto cada grupo social possui características próprias que são refletidas no processo de nomeação dos lugares onde habitam coletivamente sendo “uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço” (CLAVAL, 2007, p.189).

A maior representante dos estudos relacionados a toponímia e antroponímia⁵ no Brasil é a professora e pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick⁶, cujos estudos estão voltados para a discussão da Língua Portuguesa no curso de Letras na Universidade de São Paulo – USP.

No âmbito nacional, observamos em pesquisas já desenvolvidas na área da Toponímia, que, atualmente, não se pode assegurar um procedimento fixo ou um modelo sistêmico na seleção, coleta, análise e compreensão das pesquisas escolhidas. Muito dependerá do pesquisador e dos objetivos da pesquisa. Porém, observada a forte identidade cultural e influência política na região, alguns cuidados foram observados, a citar: nomenclatura do qual surgiu a expressão (físico ou antropocultural), cuidados com os regionalismos, procedência histórica e cronológica dos nomes, consonância com os conteúdos geográficos e os agentes políticos-culturais que influenciaram a designação do topônimo.

Portanto, a pesquisa toponímica não se apresenta somente como um conjunto de coleta, classificação e interpretação de nomes próprios de objetos e lugares, para posterior comprovação de acordos socioculturais, mas também informações que proporcionam uma compreensão mais ampla sobre como estas denominações foram aplicadas e conservadas em consonância com os membros da sociedade envolvidos.

O levantamento do processo de identidade dos topônimos maranhenses é um desafio que vem se perpetuando ao longo dos anos. As informações e estudos na área em questão possuem produtos de qualidade à disposição do leitor, principalmente no que se refere às ruas da capital. Podemos citar o além da Lei nº 2.151, encontramos os trabalhos de Vieira Filho (1971) e de Melo (1990), que tratam da nomenclatura local ou a microtoponímia de São Luís.

⁵ Antroponímia (do grego *anthropos* “homem” e *onoma* “nome”). Pela própria etimologia, evidencia-se que cabe ao estudo dos nomes próprios de pessoa.

⁶ No âmbito nacional Dick apresenta as principais contribuições aos estudos toponímicos, traçando um panorama das diversas influências toponímicas brasileiras.



Quanto ao Estado a pesquisa de Dick (1995) e Castro (2017) apresentam um estudo da nomenclatura estadual ou macrotoponímia.

Vieira Filho (1971) e Melo (1990) já descreviam sobre o processo toponímico de São Luís, chegando a discutir a toponímia que os batiza até a data de publicação de seus textos. A denominação dos municípios e distritos só foi regulamentada em lei⁷ no Estado do Maranhão a partir do ano de 1975 a princípio em São Luís. Os autores fizeram um detalhado levantamento da microtoponímia do Centro Histórico de São Luís. Esses pesquisadores, cada um em seu tempo, apresentam um índice toponímico com os diversos nomes já dados às ruas, praças, becos, fontes, largos, portos, travessas, avenidas, parques, lagos, rampas e ladeiras da cidade. Estudos mais recentes têm enriquecido o debate toponímico do Estado, são eles Curvelo (2014) e Castro (2017), a primeira propõe um estudo dos atuais 81 nomes de bairros da capital e a outra atém-se a nomenclatura dos nomes dos municípios do estado.

Estes autores argumentam contra o desconhecimento da população acerca dos personagens que emprestavam seus nomes para compor a nomenclatura das ruas. Propunham o estudo dos nomes das ruas como forma de conhecer a história, geografia e cartografia do lugar, despertando por meio da toponímia uma relação entre o lugar social do indivíduo e a compreensão acerca da nomenclatura deste

[...] Compreender a motivação denominadora, bem como contextualizar a região pesquisada com dados locais da história, geografia e cartografia, é uma necessidade (inter)disciplinar desses estudos, pois torna possível uma melhor interpretação dos dados linguísticos que muitas vezes não estão evidentes na etimologia do nome, ou embora estando, essa contextualização permite inferir informações mais fidedignas a respeito da história dos nomes dos lugares. (CASTRO, 2017, p. 119-120)

Na mesma linha de raciocínio, foi considerado outro estudo sobre topônimos produzidos por iniciativa do poder público que retrata aspectos geográficos, históricos, políticos, socioculturais, econômicos etc. A principal iniciativa surgiu a partir da aprovação do Plano Diretor, aprovado em 2006, no qual estabeleceu a revisão e atualização da toponímia de São Luís⁸. Em linhas gerais, estas pesquisas podem ser entendidas como uma reação ao crescente interesse e necessidade de preservação da identidade, história, etimologia do nome e um olhar geográfico sobre a toponímia. Sendo possível a incorporação nos processos educativos com a finalidade de inovar o ensino.

As obras estão entre as que contemplam os referenciais para a pesquisa, possuem uma análise desde a povoação inicial dos arruamentos, lugares, povoados e aspectos geográficos necessários aos resultados pretendidos com a proposta de pesquisa. Visto que o desconhecimento do próprio espaço de vivência relacionado com a falta de reflexão em uma das formas básicas de interação social – a escola onde estuda – torna possível estabelecer uma relação entre o ato de nomear e o discurso.

⁷ A Lei n. 2.151, de 04 de fevereiro de 1975, que, entre outras providências, estabelecia as normas para a nomeação de bairros, vilas, povoados e logradouros públicos. A lei deixa clara que se trata para a nomenclatura local e não estadual.

⁸ Para a revisão da Lei de Toponímia foi criada a Comissão Toponímica de São Luís, criada pelo Decreto nº 33.607 de fevereiro de 2008, com a finalidade de estudar a toponímia e a origem dos logradouros públicos. Responsável também pela elaboração da minuta de Projeto de Lei e a publicação do Guia Toponímico.



Estado, poder e o lugar em uma compreensão toponímica

É fundamental que a comunidade escolar compreenda o mundo atual, marcado por uma complexa rede de relações econômicas, sociais e culturais, que são ao mesmo tempo, globais e locais.

Neste sentido a compreensão do conceito de Estado, das relações de poder e sociedade são essenciais para que se possa realizar uma efetiva transposição do senso comum para os conhecimentos científicos. Ensinar sobre o Estado e os espaços nomeados por este proporciona utilizar-se deste conhecimento para entender o mundo e de que forma possam efetivamente contribuir para que outra realidade seja construída.

Fazemos parte de instituições ou sociedades, a segunda é formada, por exemplo, em volta de interesses religiosos, materiais, individuais... Azambuja (2000) A convivência entre estes interesses dentro das sociedades acaba por desenvolver objetivos em comum, daí surge o Estado. Este correspondente ao conjunto de instituições o campo político e administrativo que organiza o espaço de uma sociedade.

O Estado, portanto, é uma sociedade, pois se constitui essencialmente de um grupo de indivíduos unidos e organizados permanentemente para realizar um objetivo comum. E se denomina sociedade política, porque tendo sua organização determinada por normas do Direito positivo, é hierarquizada na forma de governantes e governados e tem uma finalidade própria, o bem público. (AZAMBUJA, 2000, p. 2)

Em Geografia, o Estado está relacionado ao campo da Geopolítica, disciplina que estuda a distribuição espacial do poder. Santos (2006) amplia a discussão minimizando o papel do homem que perdeu espaço em consequência das crescentes relações econômicas.

“O que nós estamos vivendo hoje é que o homem deixou de ser o centro do mundo. O centro do mundo hoje é o dinheiro, mas o dinheiro no estado puro. O dinheiro em estado puro só é o centro do mundo por causa dessa geopolítica que se instalou, proposta pelos economistas e imposta pela mídia”.

O que torna uma discussão significativa no que compete a compreensão dos nomes dos lugares, visto como uma ação de imprimir significados e importância a aspectos humanos frente ao que compõe o interesse material e simbólico do Estado.

A relação entre toponímia e poder é muito evidente, nomes em geral estabelecidos por lei, na maioria dos casos sem consulta prévia à população e indicam essa relação de poder ao representar atos impostos pelas autoridades frente a sociedade maranhense. É uma honra ao ocupante do poder/cargo público, parente ou figura notória na região ou município ter o seu nome marcado para além da história do município.

Um dos produtos do processo territorial de batizar os lugares é a construção da identidade associada a grupos familiares que alternam o poder em seu projeto de dominação na política regional e local, estadual e municipal. No Brasil temos traços marcantes que personalizam esta afirmação. No estado da Bahia sobre a oligarquia Magalhães. “São homenagens explícitas ao poder e representados em todas as regiões do estado” (RAMOS, 2008, p. 236). O Rio Grande do Norte, é fortemente marcado pela organização familiar



Albuquerque Maranhão⁹ que esteve à frente do poder estadual demarcando uma grande porção do espaço com os nomes de seus membros. Com o passar do tempo outros grupos políticos também trouxeram uma nova dinâmica a toponímia do Rio Grande do Norte com o fortalecimento de outros centros de comando.

O Estado do Maranhão, que abriga a área de estudo, sobre a liderança de José Sarney foi marcado pela forte influência desta oligarquia (sarneyismo) com direta condução no ato de nomear municípios, obras de infraestrutura e monumentos públicos¹⁰.

Ainda com relação ao Maranhão, hoje as oligarquias locais são sustentadas numa relação baseada na centralização de recursos políticos e financeiros intermediadas por ela. São oligarquias que alternam o poder local e regional e atendem a interesses econômicos e particulares do Estado. Também são reconhecidas pelos seus impérios empresariais.

Os municípios que abrigam as escolas representam o poder político local a nível de Estado. Ao longo da criação dos territórios houve embates e acordos políticos que resultaram em manifestações de poder através do ato de nomear os espaços públicos. Pode-se inferir que a toponímia nem sempre refletiu a identidade regional e as manifestações culturais da população local, questões de natureza física ou econômicas, mas sim, a vontade política de poderosos locais.

No nosso entender, lugar torna-se, então, categoria central, pois trata-se da extensão/apreensão da relação (motivações) que são estabelecidas entre o homem e o próprio nome de lugar: é a sua gênese. Por isso, é essencial, a priori, conceituar lugar em uma dimensão de categoria analítica: motivacional, histórica, linguística, ideológica, social, identitária. (ANDRADE, 2017, p. 593).

A interpretação do lugar sempre esteve presente no debate geográfico, visto ser um espaço fundamental de ocupação da vida humana. A compreensão de ser-no-mundo propõe no presente um debate que envolva um contexto geográfico e social visto as transformações em curso e os novos âmbitos emergentes na localidade.

A noção de lugar evoluiu e se transformou frente as necessidades impostas pelo mundo. A Geografia definida como ciência dos lugares e não dos homens (LA BLACHE, 1914), traz a ideia de lugar associada à de localização de um fenômeno na superfície terrestre. À medida que se acentuaram as crescentes transformações no mundo o lugar passa a ser visto como parte de uma totalidade vinculado a um caráter social e histórico do espaço geográfico global.

No processo de construção do conceito de lugar, o mesmo nunca deve ser visto isolado ou independente. Em seu entendimento faz-se necessário dialogar com motivos externos e internos. "Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente" (SANTOS, 1996, p. 273), ele é fundamental, pois a nível do local ele traz em si a questão de identidade e pertencimento. Compreender o lugar em que vive é compreender a história e conseguir entender o que ali acontece.

⁹ Ao que se foi possível apurar por meio da historiografia potiguar, coube ao fundador do Partido Republicano, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão inaugurar o sistema oligárquico no Estado onde a base econômica dessa primeira oligarquia, foi o açúcar.

¹⁰ Após ser eleito governador do Maranhão em 1965, José Sarney inicia um período chamado na literatura política local de sarneysismo, no qual uma família deteve as mais privilegiadas posições de poder. Hoje o estado conta com cidade, Presidente José Sarney, obras e bens públicos e 161 escolas espalhadas pelo estado que expressam em seu batismo o culto à família Sarney.



Não existem lugares iguais, por mais que tenham infraestruturas semelhantes. Os lugares são formados historicamente por suas características naturais e pessoas que neles se relacionam, por suas ações, construções, seus costumes, sua cultura. A maneira como ocorrem as combinações entre os elementos da natureza e a organização da vida social é que transforma cada local em um lugar único.

O lugar é o cotidiano de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada agente do espaço. Para Milton Santos o lugar não está restrito à dimensão cultural ou simbólica do espaço, ou seja, não é apenas uma relação social imaterial. O lugar é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano (SANTOS, 1996).

Correspondente à porção do espaço vivido, onde as pessoas estabelecem suas relações mais diretas, sobretudo afetivas. Os lugares, apesar de terem características mundiais manifestas, também são únicos, carregados de características próprias que os diferem dos demais lugares, com aspectos físicos, sociais econômicos e políticos. Esta porção do espaço é entendida como:

[...] apropriado para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os seus cantos. (CARLOS, 2007, p. 17)

O estudo do lugar exige identificação e, aprender a conhecer sobre o bairro exige a nomeação de ruas, esquinas e outras referenciais arquitetônicas. Conforme Tuan (1983, p. 12) “os lugares são centros os quais atribuímos valor”. O mesmo autor evidencia ainda que os lugares podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, o lugar como experiência direta, próprias (*insider*) de quem o vivencia. Percebido com todos os sentidos, através dos olhos ao explorar o campo visual (visão), da fragrância transportada pelo vento (olfato), do gosto com respeito as comidas típicas (paladar), a textura das formas da cidade (tato) e o som das ruas (audição). Outros lugares podem faltar o peso da realidade porque o conhecemos apenas de fora – através dos olhos de turistas, pesquisadores e da leitura de um mapa pela internet. É o lugar como experiência indireta, analisado e compreendido através de relações externas (*outsider*) Tuan (1983). O lugar atinge uma realidade concreta quando nossa experiência com ele é total,

Quanto demora para se conhecer um lugar? O homem moderno se movimenta tanto, que não tem tempo de criar raízes; sua experiência e apreciação do lugar é superficial. Sentir o lugar leva mais tempo. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se por, de trabalhar e brincar. Conhecer um lugar, nos sentidos citados anteriormente, certamente leva tempo. Com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais o consideramos conhecido. (TUAN, 1983, p. 203)

A denominação dos lugares revela uma apropriação simbólica, “nomear os lugares é impregná-los de cultura e de poder” (CLAVAL, 2007, p.200). Isso torna a toponímia indispensável para o estudo de grupos que se impõem e se reconhecem nos lugares onde costuma frequentar e viver. O batismo dos lugares demonstra uma relação de poder e

ocupação do território. Para falar de um lugar ou de um ambiente faz-se necessário recorrer ao batismo como forma de qualificar os diferentes espaços. A esse respeito,

As sociedades sedentárias e organizadas têm necessidade de uma toponímia fixa. As relações complexas só são possíveis quando os indivíduos ou os grupos podem ser localizados e os caminhos são guiados por referenciais bem visíveis na paisagem. O poder apropriar-se das terras fazendo constar nos registros, planos ou mapas as coleções de nomes de lugares. (CLAVAL, 2007, p.201)

Ao propor uma análise toponímica a respeito do nome de batismo das escolas públicas estaduais que englobam a pesquisa expande-se uma possibilidade de os alunos se apropriarem das histórias da sua própria vida, conduz a um processo de construção do espaço que lhe é imediato, próximo e possível de observar concretamente.

Estudar e compreender o lugar é fundamental para tornar o estudo da Geografia significativo, visto o processo de reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares. A Geografia escolar, aquela que se ensina e se aprende na escola, potencializa e amplia a leitura do lugar em que o aluno vive. Há várias possibilidades de estudar o lugar: livros didáticos, vídeos, fotografias, notícias vinculadas na internet, mapas, roteiros etc. Segundo Callai (2000, p. 125-126),

Vários são os lugares possíveis de se estudar. O importante é que sejam lugares significativos para a vida dos alunos. Poder-se-ia falar em espaços do cotidiano. No cotidiano das nossas vidas, expressam-se as regras gerais do mundo globalizado. [...] Lugares do cotidiano de nossas vidas funcionam como laboratórios para compreender o mundo e as diferentes formas de vida do homem.

É importante que os alunos tenham condições de identificar as particularidades do lugar em que vivem, assim como as diferentes relações que esse lugar estabelece em outros lugares do planeta. Com base na realidade do lugar nas quais as aprendizagens são situadas se faz necessário segundo a BNCC (2018, p.16) trabalhar ações que permitem “contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos”.

De acordo com a BNCC, A Geografia tem um importante papel em desenvolver o pensamento espacial dos alunos ao estimular o seu raciocínio geográfico, tanto para representar quanto para interpretar os constantes movimentos de transformação do espaço geográfico. No entanto para que isso aconteça, é fundamental que os alunos apropriem de conceitos geográficos que certamente os auxiliarão a interpretar a realidade em que vivem.

Nessa direção, a BNCC está organizada com base nos principais conceitos da Geografia contemporânea, diferentes por níveis de complexidade. Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico. (BNCC, 2018, p. 361)

No processo de ensino da Geografia é necessário promover situações por meio das quais os alunos possam refletir a respeito das relações sociais, culturais, econômicas e naturais em conjunto, reconhecendo tanto suas particularidades em escala local, a exemplo o espaço vivido por eles, quanto as características dessas relações em escala global.

Portanto o lugar, enquanto espaço percebido e que possui significados efetivos é o conceito que permite utilizar da realidade vivenciada com o contexto toponímico construído ao longo da rede urbana do município em estudo.

Considerações sobre o papel do Estado em relação ao nome dos Centros Educa Mais

Nesta análise cabe esclarecer o que vem a ser um Centro Educa Mais, pois este é um modelo de escola pública, criados no Maranhão a partir de 2016, e funcionam em período integral para todos os alunos. que visa o desenvolvimento dos estudantes nas dimensões intelectual, social, cultural, física e emocional por meio de ações integradas e em tempo integral. Envolvem setores que influenciam diretamente a formação plena dos estudantes como família, educadores, gestores e comunidades locais.

Pelos critérios do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, é considerado tempo integral qualquer aluno que frequente a escola por mais de sete horas por dia, incluindo atividades escolares e complementares. Na maioria das instituições de ensino, apenas parte dos alunos usufruem desse tipo de matrícula. Segundo o Governo do Estado do Maranhão, há 55 escolas de Ensino Médio em tempo integral – Centros Educa Mais, em 33 municípios do estado, funcionando em regime integral. O modelo de Centros de Educação Integral, criado a partir da lei 10.414/2016, hoje denominados Centros Educa Mais, estabelece um modelo de ensino com 7h50min de carga horária diária curricular. Estas escolas estão alinhadas conforme estratégias adotadas na Lei nº10.099/14 – Plano Estadual de Educação do Maranhão.

6.1 Garantir a oferta de Educação Integral, mediante a adoção de currículos, pedagogias, didáticas e metodologias propiciadoras de uma educação unitária efetivamente formadora para a cidadania, com conteúdos e práticas que respondam às exigências do momento histórico e das demandas do futuro.

6.2 Garantir a oferta de Educação Integral em Jornada Ampliada na escola pública, por meio de atividades de acompanhamento pedagógico e multidisciplinares, inclusive culturais e esportivas a fim de que o tempo de permanência na escola ou sob sua responsabilidade passe a ser igual ou superior a sete horas diárias no decorrer do ano letivo.

6.3 Institucionalizar e manter, em regime de colaboração, a ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, bibliotecas, auditórios, cozinhas, refeitórios, banheiros e outros equipamentos, bem como a de produção de material didático e de formação de recursos humanos para a Educação Integral em Jornada Ampliada.

A recente modalidade de ensino está relacionada ao objeto de estudo visto o modelo permitir que o Governo do Estado do Maranhão entregasse estas escolas totalmente reformadas para atender aos professores e alunos. Os serviços incluíram pintura, revestimento, climatização, biblioteca, laboratórios de informática e ciências, quadra poliesportiva, entre outros.

Ao descerem as placas de inauguração houve a oportunidade de manutenção ou troca da denominação por conta do reconhecimento ao trabalho e à trajetória de vida de uma figura pública ou algum aspecto físico da região. Mudanças recentes marcaram o nome de unidades escolares. O nome das instituições vem mudando porque, desde 2015, um decreto¹¹ veta o nome de pessoas vivas em prédios e construções públicas. O sobrenome Sarney chegou a nomear mais de 150 unidades de ensino no Estado.

Outro decreto de 2015, nº 30.618 já vedava a secretários de Estado, a dirigentes de entidades da Administração indireta e a quaisquer agentes que exerçam cargos de direção, chefia, e assessoramento no âmbito do Poder Executivo, atribuir ou propor a atribuição de nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente ou sob gestão do Estado do Maranhão ou das pessoas jurídicas da Administração Estadual indireta. Neste decreto, a vedação é estendida também a nomes de pessoas, ainda que falecidas, que tenham constado no Relatório Final da Comissão da Verdade de que trata a Lei Nº 12.528 de 18 de novembro de 2011, como responsáveis por crimes cometidos durante a ditadura militar.



Figura 1: Escola do MA que homenageava ditador

Fonte: G1 MA (2015)

O decreto dispõe que os nomes substitutivos devem representar personalidades que tenham contribuído com a construção da identidade educacional municipal, estadual ou federal e ter reputação ilibada conforme a Lei da Ficha Limpa. E as modificações ocorreram conforme quadro abaixo.

A identidade regional como o nome das escolas é marcante e ultrapassa a espacialidade do recorte regional que o corresponde. A comunidade escolar teve sua realidade alterada pelo projeto posto em prática marcado por uma educação voltada para o exercício da cidadania e do protagonismo juvenil, o estudante fortalece a construção dos seus

¹¹ Em 2016 por meio do decreto nº 3.4690, trocou-se as denominações de estabelecimentos da rede estadual de ensino que homenageavam pessoas vivas e deu a eles nomes de personalidades que já morreram.

projetos de vida e visão de futuro. Os Centros Educa Mais têm a carga horária de 7 horas e 50 minutos, de segunda a sexta-feira. É um ambiente completo para receber os estudantes e permitir uma melhor complementação e integração curricular com as aulas de protagonismo juvenil, estudos orientados, práticas experimentais, vivência em protagonismo, entre outras.

Quadro 1: Escolas que tiveram seus nomes modificados

Município	Nome antigo	Nome novo
São Luís	U. I. Marechal Castelo Branco	Unidade Integrada Jackson Lago
Imperatriz	C. E. Castelo Branco	C.E. Vinícius de Moraes
Caxias	U. E. Marechal Castelo Branco	U. E. Professora Suely Reis
Caxias	U. I. Presidente Costa e Silva	U. I. Professora Rita de Cássia Azevedo
Governador Newton Bello	C. E. Marechal Castelo Branco	C. E. Antônio Macêdo de Almeida
Timbiras	C. E. Emílio Garrastazu Médici	C. E. Paulo Freire
Loreto	C. E. Presidente Médici	C. E. Paulo Freire
Fortaleza dos Nogueiras	Centro de Ensino Castelo Branco	C. E. Vera Lúcia dos Santos Carvalho
Timon	C. E. Marechal Arthur da Costa e Silva	C. E. Maria da Conceição Teófilo Silva
Gonçalves Dias	C. E. Presidente Castelo Branco	C. E. Sulamita Lúcio do Nascimento

Fonte: G1 MA (2015)

Observamos no topônimo que “batiza” o nome das escolas é advindo de uma valorização da importância do nome no sentido imaginário, cartográfico e identitário do lugar. A possibilidade de acesso as fontes e documentos públicos permitiram analisar as designações dos topônimos, a caracterização da estrutura urbana concentrada na região de entorno da escola e a possibilidade de discutir os processos de nomeação e relações de identidade entre as particularidades dentro dos topônimos identificados na pesquisa.

Descrição metodológica do estudo desenvolvido

O lócus investigativo constitui-se dos nomes das escolas que constam nos dados dispostos no site da Secretaria de Estado da Educação – SEDUC. Locais de vivência dos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar da rede pública estadual. Para apoiar o estudo quanto ao entendimento teórico do tema toponímia e sua relevância na compreensão sociolinguística de um determinado espaço utilizou-se a metodologia de Dick (1986, 1990).

Como já referido, topônimo é o nome de um lugar, um nome geográfico, um identificador de posição, um ponto de referência, um histórico de uma sociedade, um legado de uma nação para tradição oral. Nesse contexto, a pesquisadora traz o papel humano em meio ao processo de nomeação de lugar

Verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registradas nos mais diversos momentos de vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como uma crônica de um povo, gravando o

presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (DICK, 1990, p. 21-22).

Em relação à toponímia do Brasil, Dick (1990) pontua que essa é cíclica, os nomes de lugar podem se repetir de forma periódica (tem estrita relação com formação étnica da população), heterogênea e mestiça (sua formação remete ao passado e aos habitantes do lugar) em uma diversidade que não altera a unidade nacional comum.

Dick (1986, p.39 – 40) classificou os topônimos em contextos diversificados, o qual os organizou em taxionomias. Ao que se pode observar nos quadros 2 e 3, são 27 taxionomias, assim distribuídas: 11 taxas de natureza física (caracterizam o ambiente em todos os aspectos que compõem sua formação – rios, córregos, dimensões, formações topográficas, árvores, animais etc.) e 16 taxas de natureza antropocultural (caracterizam as manifestações psíquicas, sociais e culturais do homem, no meio em que se encontra – estado de ânimo, sentimentos, nomes próprios, nomes de cidades, estados, países, títulos).

Quadro 2: Taxes de natureza física

Classificação toponímica	Definição	Exemplo
<i>Astrotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes dos corpos celestes	<i>Saturno – ES</i>
<i>Cardinotopônimo</i>	Topônimo referente às posições geográficas em geral.	<i>Lagoa do Sul – SC</i>
<i>Cromotopônimo</i>	Topônimo referente às cores	<i>Rio Pardo - SP</i>
<i>Dimensiotopônimo</i>	Topônimo referente às características do acidente.	<i>Riacho Grosso – SE</i>
<i>Fitotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes de vegetais	<i>Pinheiral – RJ</i>
<i>Geomorfotopônimo</i>	Topônimo referente às formas topográficas e às formações litorâneas	<i>Costa rica - MT</i>
<i>Hidrotopônimo</i>	Topônimo referente aos acidentes hidrográficos	<i>Foz do Riozinho - AM</i>
<i>Litotopônimo</i>	Topônimo de índole mineral, relativos à constituição do solo	<i>Pedreiras - MG</i>
<i>Meteorotopônimos</i>	Topônimo referente aos fenômenos atmosféricos	<i>Riacho das Neves – BA</i>
<i>Morfotopônimos</i>	Topônimo referente aos sentidos e formas geométricas	<i>Triângulo – MT</i>
<i>Zootopônimos</i>	Topônimo de índole animal.	<i>Vacaria – RS</i>

Fonte: Dick (1986, p.39 – 40)

As taxionomias de Dick, abrangem com perfeição a motivação do processo de nomeação. O importante neste modelo é que é todo trabalhado no ambiente brasileiro e todo estruturado em nossa língua, o que favorece a pesquisa dos topônimos. Neles a autora demonstra os tipos de estudo, o campo de pesquisa e atuação da toponímia, além de exemplos da relação entre os nomes e os locais.

Os procedimentos utilizados corresponderam no princípio à pesquisa bibliográfica e documental para fins de embasamento teórico acerca de conceitos pertinentes a Geografia e Toponímia. A pesquisa bibliográfica tomou como base autores no âmbito nacional, locais e regionais, visando a compreensão dos aspectos históricos e geográficos relativos à área de estudo. A pesquisa documental foi realizada em banco de dados literários, acadêmicos e sites de notícias locais e regionais dos municípios em São Luís – MA para obter informações sobre os topônimos que constituíam a área urbana, objeto de estudo.

Quadro 3: Taxes de natureza antropocultural

Classificação toponímica	Definição	Exemplo
<i>Animotopônimo (ou Nootopônimo)</i>	Topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.	<i>Triunfo - AC</i>
<i>Antropotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes próprios e individuais.	<i>Fernão Velho - AL</i>
<i>Axiotopônimos</i>	Topônimo referente aos títulos e às dignidades.	<i>Doutor Pedrinho – SC</i>
<i>Corotopônimos</i>	Topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões ou continentes.	<i>Amazonas - BA</i>
<i>Cronotopônimos</i>	Topônimo referente às indicações cronológicas	<i>Nova Viçosa – BA</i>
<i>Ecotopônimos</i>	Topônimo referente às habitações de modo geral.	<i>Ocaçu – SP</i>
<i>Ergotopônimo</i>	Topônimo referente aos elementos da cultura.	<i>Relógio - PR</i>
<i>Etnotopônimos</i>	Topônimo referente aos elementos étnicos isolados.	<i>Rio Xavante – MT</i>
<i>Dirrematopônimo</i>	Topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.	<i>Valha-me Deus- MA</i>
<i>Hierotopônimo</i>	Topônimo referente aos nomes sagrados. (Hagiotopônimo, quando há referência aos santos e santas); e Mitotopônimo quando há referência às entidades mitológicas).	<i>Cruzes – PE; São Pedro – SC (hagiotopônimo) Curupira - AM (Mitotopônimo)</i>
<i>Historiotopônimo</i>	Topônimo referente aos movimentos histórico-sociais e aos seus membros.	<i>Independência – AC</i>
<i>Hodotopônimo</i>	Topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana.	<i>Córrego do Atalho – GO</i>
<i>Numerotopônimos</i>	Topônimo referente aos adjetivos numerais.	<i>Duas Pontes – RO</i>
<i>Poliotopônimos</i>	Topônimo constituído pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.	<i>Rio da Cidade – RJ</i>
<i>Sociotopônimo</i>	Topônimo referente às atividades profissionais ou a ponto de encontros	<i>Oficina - MG</i>
<i>Somatopônimos</i>	Topônimos referentes às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.	<i>Rio da Mão Esquerda - AL</i>

Fonte: Dick (1986, p.39 – 40)

Por meio dos dados coletados, foi possível pôr em prática a classificação taxionômica de Dick. As tabelas a seguir representam os dados pesquisados e analisados que constam no site da Secretaria do Estado de Educação na aba Educa Mais, indicando a sua classificação taxionômica e as respectivas ruas que se enquadram em tal definição.

Tabela 1: Classificação dos topônimos de natureza antropocultural

Classificação	Quantidade
Antrotopônimos	34
Axiotopônimos	14
Corotopônimo	6
Sociotopônimo	1
Total	55

Fonte: Erielson Miranda (2021)

Configuração dos resultados

Os estudos trouxeram à tona e elucidaram a compreensão sobre o ato de nomear, de modo particular, os nomes das escolas que integram os Centros Educa Mais espalhadas por 33 municípios do Estado do Maranhão, locais de vivência dos estudantes, professores e demais membros da comunidade escolar, os quais foram fundamentais para compreender como os grupos sociais se organizaram naquele município, no bairro e em seu entorno e articular o ato de nomear as próximas instituições.

Os topônimos foram analisados conforme a sua natureza taxionômica (Quadros 2 e 3). Evidencia-se nas informações a respeito da tabela de apresentação dos dados, dos 55 topônimos de escolas que constam nos arquivos do site da Secretaria de Educação, aba Educa Mais, lócus de base da pesquisa, 55 (100%), todos são de natureza antropocultural. Portanto nenhum faz menção aos de natureza física.

Na análise dos topônimos de natureza antropocultural é marcante a taxionomia dos antrotopônimos que corresponde ao maior número de ocorrências com 34 (62%) e axiotopônimos com 14 (25%). Das nomenclaturas restantes, temos o maior número de ocorrências de corotopônimos 6 (11%), e apenas 1 (2%) com o caso dos sociotopônimos. Os percentuais foram arredondados, sem casa após a vírgula.

Isso deixa claro que, ao reinaugurar as escolas o ato de nomear não foi um ato aleatório. A escolha dos **antrotopônimos** – topônimos referentes aos nomes próprios e individuais – como maioria, é tida por muitos como uma prática comum no Estado do Maranhão. Com 34 ocorrências, são eles: *Lourenço Antônio Galleti, Aluísio Azevedo, Raimundo Araújo, Albert Einstein, Maria José Macedo Costa, Hermano José Leopoldino Filho, Ana Isabel Tavares, Amaral Raposo, Tancredo de Almeida Neves, Nascimento de Moraes, Ayrton Senna, Domingos Vieira Filho, Antônio Reinaldo Porto, Olindina Nunes Freire, Raimundo João Saldanha, Newton Bello, Kiola Costa, Salustiano Trindade, Ribeiro do Amaral, Barjonas Lobão, Dayse Galvão de Sousa, Dorilene Silva Castro, Estefânia Rosa da Silva, João Francisco Lisboa, Maria Mônica Vale, Menino Jesus de Praga, Margarida Pires Leal, Júlio de Mesquita Filho, Paulo VI, Josélia Almeida Ramos, Ribamar Torres, Jacira de Oliveira e Silva, Anna Bernardes e Nelson Serejo de Carvalho.*

Os antrotopônimos são um traço cultural não só no Maranhão, como em todo o país. Construtor de identidades, pode se configurar como um desejo do denominador de homenagear uma pessoa e manter impressa na memória coletiva da cidade, por razões que procurem um vínculo aproximado entre o designado, ou não, possibilitando que uma parcela da história regional (*Domingos Vieira Filho, Aluísio Azevedo*), nacional (O presidente *Tancredo de Almeida Neves*) ou até mesmo global (O papa *Paulo VI* e até mesmo o mais conhecido cientista de toda a humanidade, *Albert Einstein* são homenageados) seja conservada e transmitida às gerações posteriores. É importante ressaltar que quando reinaugurada o Centro Educa Mais Albert Einstein em Coelho Neto – MA era o antigo Centro de Ensino Doutor Carlos Magno Duque Bacelar, nome modificado em 4 de janeiro de 2016 pelo decreto estadual nº 31.469, que alterou nomes de escolas que homenageavam pessoas e políticos vivos.

Já **axiotopônimos**, topônimos relativos aos títulos e dignidades, são representados pela presença das lexias: *Prof. Aquiles Batista Vieira, Padre Fábio Bertagnolli, Dom Marcelino de Milão, Deputado Remy Soares, Dr. Luiz Sérgio Cabral Barreto, Dom Ungarelli, Poeta Antônio José, Almirante Tamandaré, Professora Joana Batista Santos Silva, Professor Mário Martins Meireles, Professora Maria Pinho, Desembargador Sarney, Professor Ignácio Rangel e Dom Hamleto de Angelis.* Estes são o segundo grupo mais representativo impresso nas placas de reinauguração dos Centros Educa Mais. Há grande maioria são homenagens a



professores e professoras que fizeram parte destas instituições. Esse conjunto representa 25% do total de recorrência, categoria essa tão produtiva e muito relacionadas à cultura urbana.

Revelou-se na categorização os **corotopônimos** – nomes de cidades, países, regiões ou continentes: Cidade de Arari, Cidade de São José de Ribamar, Estado do Maranhão, Estado do Espírito Santo, Sertão Maranhense e Y Bacanga. São topônimos motivados pela intenção do denominador de homenagear a sua terra de origem e/ou os primeiros povoadores da região. Refletem o caráter crítico e interdisciplinar da ciência toponímica.

Os **sociotopônimos**, topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros dos membros de uma comunidade, estão representados pelo signo toponímico: Força Aérea Brasileira, uma homenagem a instituição militar que está localizada no Aeroporto Internacional de São Luís – MA. Vizinho ao bairro São Cristóvão, endereço da escola.

Ao discorrer sobre toponímia em um olhar geográfico é possível ampliar o protagonismo e formação de sujeitos críticos e conhecedores da sua realidade no âmbito local e regional. Instigar sobre o nome da escola onde estuda, dialoga com o contexto de surgimento da cidade, do bairro, sua expansão urbana e o ato de denominação destas escolas demonstrou ser uma oportunidade essencial para o debate e construção dos conceitos geográficos de Estado, poder, sociedade, lugar e identidade regional. Esta classificação toponímica merece ser partilhada, pois, demonstrou ser capaz de fazer uma leitura contextualizada com o cotidiano discente.

Considerações finais

A pesquisa toponímica vinculada a nomenclatura dos Centros Educa Mais instituídos desde 2016 pelo Governo do Estado do Maranhão promove um resgate a memória, identidade local e regional, relações de poder, aspectos físicos e patrimônio cultural que são vivenciadas diretamente pelos estudantes e outros atores: família, educadores, gestores e comunidades locais.

Enfim, é possível entender que cada topônimo é capaz de revelar elementos singulares referentes a localidade em que o aluno está inserido. A nomenclatura dos espaços retrata realidades diversas, capaz de refletir saberes, culturas, identidades, crenças e ideologias. O estudo dos nomes de lugares permite ao Ensino de Geografia e outras disciplinas uma aproximação maior entre o conteúdo formal e a prática educativa.

A formação identitária de um povo parte também do ato de nomear os espaços e os meios sociais, é uma forma de evidenciar os pensamentos, as crenças, as condutas e imprimir as identidades de cada ser, dentro de um contexto social, cultural e político. Com as escolas identificadas na pesquisa não foi diferente. Os primeiros a nomearem esses espaços buscaram se valer do contexto histórico, domínio político, das relações de poder e posse, para nomear e tecer as redes de identificações.

Dessa forma, a partir das discussões apresentadas neste artigo, acredita-se que os estudos toponímicos desenvolvidos na pesquisa, pode-se conhecer de perto um pouco de sua realidade e a produção de senso crítico atrelado a necessidade de reprodução social, o que, com certeza, é de grande relevância para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.



Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da faculdade de Letras – Geografia, I série, vol. XIV, Porto, 1998, PP. 77-97.

ANDRADE, K. S. **O lugar nos estudos toponímicos: reflexões**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 585-607, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9547>. Acesso em 10 jan. 2021.

BARBOSA, J. R. A. **Formação territorial e oligarquias estaduais: notas sobre o uso desigual do território norte-rio-grandense**. Revista Interface. Porto Nacional, n.12, p.34-54, dez. 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/interface/index>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Recuperado de http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BUZAR, Benedito. **O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão de 1945 a 1965**. São Luís: Lithograf, 1998.

CALLAI, H. C. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, p. 71-114, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CASTRO, Iná Elias de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. São Paulo: Editora Bertrand do Brasil, 1992.

CASTRO, Mária Célia Dias de. **Atlas toponímico do estado do Maranhão: uma proposta de análise da macrotoponímia**. Caderno Seminal Digital, n. 28, p. 110–147, jan. 2017. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/28381>> Acesso em: 15 de jan. 2021.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3.ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

COSTA, Edlucy e ZAGO, Fortunato. **Dinâmica histórica e Urbana de São Luís**. São Luís: Instituto da Cidade, 2008.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 347f. Tese (doutorado). UFC, Fortaleza, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos**. São Paulo – SP: Impresso pelo Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / USP, 1986.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo, Arquivo do Estado, 1990, 387p.

Escolas do MA que homenageavam ditadores têm nomes substituídos. **G1 MA**, 31 mar 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2015/03/escolas-do-ma-que-homenageavam-ditadores-tem-nomes-substituidos.html> Acesso em: 10 jan. 2021

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo (org.). **São Luís: uma leitura da cidade**. São Luís: Instituto da Cidade, 2006.



GUILHON, Maria, V. M. **Sarneísmo no Maranhão**: os primórdios de uma oligarquia. Revista Políticas Públicas, São Luís, v. 11, n. 1, p. 125-148, jan/jun. 2007

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico, 2010**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/saoluís/panorama>>. Acesso em 10 de 01. 2021.

MARANHÃO, Lei Nº 12.528 de 18 de novembro de 2011

_____. DECRETO nº 30.618 de 02 de janeiro 2015

_____. DECRETO nº 31.4690 de 04 de janeiro de 2016

MELO, Magnólia Sousa Bandeira. **Índice toponímico de Centro histórico de São Luís**. São Luís: EDUFMA, 1990, 121p.

MORAIS, Antônio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**: O território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

MOTA, Antonia da Silva e MANTOVANI, José Dervil. **São Luís do Maranhão no Século XVIII**: a Construção do Espaço Público sob a Lei das Semarias. São Luís: Func, 1988.

PINTO, G. J. **Do sonho à realidade**: Córrego Fundo – MG, fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 248f. Dissertação (Mestrado em Geografia). IG-UFU, Uberlândia, 2003.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. **Toponímia dos municípios da Bahia**: descrição, história e mudanças. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2006.

SANTOS, Herbert de Jesus. **Um Terço de Memória**: Entre Anjo da Guarda e Capela de Onça, e os Heróis do Boi de Ouro. São Luís: Lithograf, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SÃO LUÍS, LEI nº 2.151 DE 04 de fev. 1975.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO DO MARANHÃO. **Educa Mais**. Disponível em:<<http://www.educacao.ma.gov.br/educamais/>> Acesso em: 18 jan. 2021.

_____. **Plano Estadual de Educação**. Disponível em: <http://www.educacao.ma.gov.br/files/2016/05/suplemento_lei-10099-11-06-2014-PEE.pdf> Acesso em: 11 jan. 2021.

SEPLAN, Secretaria Municipal de Planejamento. **Leitura urbana – São Luís**. São Luís, 2014

SOUSA, J. H. P. MARCOLINO, R. R. S. **A representação da identidade regional do Nordeste na telenovela**. NAMID/UFPB, ano XII, n. 06. Junho/2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>> Acesso em: 05 de jan. 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Sobre o espírito geográfico**. Revista Política e Literária. nº18, ano 52. Paris: Gabinetes da Revista Política e Literária e da Revista Científica, p. 556-560, 1914.



VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve história das ruas e praças de São Luís. São Luís: Olímpica, 1971.**